

El contenido de esta obra es una contribución del autor al repositorio digital de la Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador, por tanto el autor tiene exclusiva responsabilidad sobre el mismo y no necesariamente refleja los puntos de vista de la UASB.

Este trabajo se almacena bajo una licencia de distribución no exclusiva otorgada por el autor al repositorio, y con licencia Creative Commons – Reconocimiento de créditos-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Ecuador



La poesía humana, indignada y sugestiva de Luis Rogério (Prefacio)

Jaime Breilh

2004



Luis Rogério Cosme Silva Santos

HEMATOPÓÉTICO

o sangue e a poesia dos trabalhadores



HEMATOPOÉTICO

*O sangue e a poesia
dos trabalhadores*

APOIO:

SESAB
SUS



CESAT
CENTRO DE ESTUDOS DA
SAÚDE DO TRABALHADOR



**GOVERNO
DA BAHIA**

Governador da Bahia
Paulo Ganem Souto

Secretário da Saúde
José Antônio Rodrigues Alves

Superintendente de Vigilância e Proteção da Saúde
Maria Conceição Queiroz Oliveira Riccio

Diretora do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador
Maria do Carmo Galvão e Oliveira

Coordenadora de Atenção à Saúde do Trabalhador
Ely da Silva Mascarenhas

Coordenador de Vigilância de Ambientes Processos de Trabalhos
Suelena Costa Magalhães Gomes

AUTOR:

Luis Rogério Cosme Silva Santos

Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador - CESAT/SESAB CEREST/Vitória da Conquista

REVISÃO DE TEXTO:

Wandrêa Cosme Silva Santos

FOTOS

ASCOM - Prefeitura Municipal de Vitória Da Conquista

criação e diagramação:

Copigraf

CONTATO:

Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador

Rua. Pedro Lessa,123 Canela

Salvador - Bahia

Tel: (71) 336.1627 Fax: 336.1788

E-mail: cesat@saude.ba.gov.br

Ficha Catalográfica

Biblioteca: Joselita Flavia Sobreira - CESAT

Eliana Carvalho - CRB 110

Santos, Luis Rogério Cosme Silva

Bahia, Secretaria de Saúde do Estado. Superintendência de Vigilância e
Proteção da Saúde. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador.

Hematopoético: o sangue e a poesia dos trabalhadores / SESAB /

SUVISA CESAT - Salvador: CESAT, 2004.

71 p. il.(Cadernos de Saúde do Trabalhador, 1)

ÍNDICE

PREFÁCIO (J. Breilh)	07
TRADUÇÃO DO PREFÁCIO	10
BUSCANDO ALTERNATIVAS	13
NAS ASAS DO PENSAMENTO EM BUSCA DA LUZ	16
O QUE DEIXAMOS DE VER ENTRE OS ESPINHOS	17
O QUE NOS LEGOU A RACIONALIDADE	18
ENTRE A NECESSIDADE E O RISCO: A HISTÓRIA DESCRITA NUMA LÁPIDE DA CIDADE	19
QUANDO PENSAR NEM SEMPRE É EXISTIR (PLENAMENTE)	20
ÂNSIA NA MADRUGADA DE SEGUNDA-FEIRA	22
ALUNO OBEDIENTE NA ANÁLISE DE UM ACIDENTE DE TRABALHO	23
BANCO: HERANÇA, FOTO ARCAICA DAS GALÉS	25
NAS ASAS DE ÍCARO: A QUEDA EM ANDAMENTO	26
TRABALHO SAÚDE E DOENÇA MOLDAM O HOMEM	27
PLANO DE UM TRABALHADOR NUM DIA DE FOLGA	28
A VOZ DO TRABALHO ÀS VEZES É COMO A URNA DE PANDORA	29
CORRER: PARA OS BRAÇOS DE QUEM?	30
PERFIL DA TRAGÉDIA FAMILIAR BANALIZADA	31
TRABALHO INFANTIL DISFARÇADO DE MISERICÓRDIA CRISTÃ	32
A ÚNICA MÁQUINA SEM MANUTENÇÃO	34
O APITO AVISA QUE A SOLIDÃO VOLTOU: A VÊNUS DA NOITE	35
NO TRANSPORTE COLETIVO O MEDO COLETIVO	36
ESQUELETOS SOBRE AS MAQUINAS FORMAM A TELA SURREALISTA	37
A IRREDUTÍVEL FORMA DO (NÃO) SER PICADO PELA SERPENTE DA ROTINA	38
A LOUCURA É A ÚNICA LUZ QUE PODE BRILHAR AQUI	39
O PODER HISTÓRICO DA MÁQUINA SOBRE OS HOMENS	40
OS NOVOS E OS VELHOS SE IGUALAM NAS RÉPLICAS DA HISTÓRIA	41
ACIDENTE DE TRAJETO (?)	42
UM TÍPICO ACIDENTE DE TRABALHO CONTADO PELAVIÚVA	44
O TRABALHO DE CAMPO E A LEI DA GRAVIDADE	46
HEMATOPOÉTIKO: O SANGUE E POESIA DOS TRABALHADORES	47
PRÊMIO: O MELHOR TRABALHADOR DE TODOS E A SUA SANTA TACCARDIA	48
OS GATOS E OS LEÕES: UMA QUESTÃO DE TEMPO?	49
LEITURA DE UMA HISTÓRIA NÃO ESCRITA	51
O CAPÍTULO FINAL DA SILICOSE E OS PROTOCOLOS ASSISTENCIAIS	52
COMO UMA FOLHA EM BRANCO SOBRE A MESA	53
A INSALUBRE ARTE DE FAZER FARINHA	55

O (A) ENFERMEIRO (A) ROLANDO ESCADA ACIMA.....	56
O PESADELO QUE PIORA COM O ABRIR DOS OLHOS.....	58
ACREDITAR APESAR DAS NUVENS.....	59
A LIÇÃO DE ONTEM PARA OS TRABALHADORES DO AMANHÃ.....	61
A PREGUIÇA É UM SINTOMA NEGADO DE FELICIDADE.....	62
A PROCURA DE UM DIA MELHOR NAS SENZALAS DO BRASIL.....	63
MONÓLOGO DE UM OPERÁRIO EM FRENTE AO ESPELHO ANTES DE DORMIR.....	64
QUAL DAS DUAS FACES DA MOEDA TE INTERESSA?.....	65
GÊNESIS: QUANDO O TRABALHO É UMA HERANÇA GENÉTICA.....	67
AFUNDAR COM VOSSA EXCELÊNCIA A PLATAFORMA DE PETRÓLEO.....	68

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado aos trabalhadores que, com
sonhos de melhor qualidade de vida, fazem a
riqueza deste país.

Aos empregadores que acreditam na humanização
do trabalho e na efemeridade do
capital como valor humano.

Aos educadores que buscam tirar a venda
dos nossos olhos e nos fazem caminhar.

Às enfermeiras e enfermeiros que ajudam a construir
a verdadeira saúde pública, frente às desigualdades
brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Jaime Breilh e Marco Rego pela fraternal contribuição com este projeto político/poético em prol dos trabalhadores; aos poetas, atores e compositores do Movimento Cultural Metamorfista de Jequié e a todos aqueles que, na falta de luz plena, conseguem ver na arte uma alternativa de iluminação da mente humana.

Agradeço especialmente a minha esposa Juliana e a minha filha Anna Cecília por compartilharem comigo das calmarias e turbulências que marcaram a construção deste projeto, bem como, aos meus amigos e incentivadores: José Augusto Sampaio Silva, Wilson Novaes Junior, Jonathan Leonardo Santos, Jorge Solla, Marilene Souto (in memoriam), pois que, cada um, ao seu modo, pôs ladrilhos nas estradas por onde caminhei.

A SESAB/SUVISA/CESAT

São raras às vezes em que a poesia, enquanto possibilidade de sensibilização da sociedade, é posta como uma prioridade e como um instrumento de educação para a saúde por um nível de gestão.

E com esta reflexão gostaria de agradecer à Secretaria da Saúde do Estado da Bahia que, através da SUVISA/CESAT, proporcionou a divulgação deste trabalho.ei.

PREFÁCIO

LA POESÍA HUMANA, INDIGNADA Y SUGESTIVA DE LUIS ROGÉRIO

Jaime Breilh

La poesía siempre me fascinó por esa virtud tan especial de extractar lo intenso y significativo de la vida, y devolvérselo compendiado en mil breves voces: unas veces como un canto a la vida –a lo que nos place, nos llena y nos gratifica–, y otras, como un grito de dolor ante lo que nos hiere y nos avergüenza.

El ser humano siempre vivió la estremecedora contradicción entre la vida y la muerte. Eros y Tánatos fueron recreándose a cada momento de nuestra grandiosa y triste historia, de tantas y variadas formas que alimentaron una pléyade de poetas y juglares, que nos dieron voz cuando la habíamos perdido, o que encontraron el sentido justo de nuestras voces, cuando lo necesitábamos.

Ahora más que nunca el mundo herido en que vivimos necesita con urgencia de quienes lo compadezcan y reinventen, como diría Saramago –el escritor que mejor ha perfilado las sinrazones de este Planeta del egoísmo global–, aludiendo a este mundo que hemos forjado, donde “el instinto de los animales defiende mejor la vida que nuestra razón, que, por el contrario, ha servido para dominar, humillar y explotar a otros”.

No es casual que el ilustre Nóbel, al igual que Luis Rogério, haya desempeñado funciones en el sistema de salud y bienestar social de su país. No es una simple coincidencia que las dos voces hayan bebido de la misma fuente de inspiración: el dolor y las laceraciones de vidas agredidas que desfilan por sistemas de salud debilitados ahora por la codicia; seres que reclaman el derecho proclamado por tantas leyes inútiles; códigos que reposan en los anaqueles del olvido, donde fueron colocados, “ex profeso”, por el cálculo de intereses y la voracidad de los comerciantes con la vida.

Por eso nos hace tanta falta la poesía; instrumento mayor de la cordura, la sabiduría y el amor solidario; cualidades humanas momentáneamente derrotadas y en espera de personas y pueblos que las reivindiquen. Cualidades que nos pretenden arrebatarse los usureros, los piratas y mercenarios que organizaron este ensayo perverso de sociedad en que ahora vivimos, que nos obliga a perder cada día un poco más de humanidad y que amenaza

con despojarnos, no sólo del pan y la seguridad social, sino de nuestros sueños y memoria. Un proyecto profundamente antipoético, frente al cual se mide la urgencia de demostrarnos a nosotros mismos, que seguimos siendo humanos; que seguimos siendo una especie creadora y no una horda predatoria; que seguimos compadeciéndonos de los otros y no queremos construir nuestra supervivencia pisando a los demás; que seguimos con sed de amor, belleza y dignidad.

Luis Rogério define su poesía como voz que representa "la sangre diariamente derramada", como "expresión de una angustia colectiva, sublimada, reprimida en las fábricas y empresas" donde el trabajo se ha transmutado, por obra y gracia de una lógica inhumana, en una fuente de dolor, enfermedad y envejecimiento prematuro. Pero yo pienso que su poesía es más que expresión dolorida, pues trasunta no sólo indignación y dolor, sino que nos muestra el absurdo de haber convertido el trabajo, el más humano y creador de los actos, en una piedra de demolición de la vida. Sus poemas nos recuerdan la ceguera de un sistema de salud que "mira sin ver", que usa "pinceles sin tinta", que "borra las huellas de la muerte", en lugar de encender el camino para la reafirmación de la vida, "anestesia que no permite la expresión del dolor"; en definitiva, la tragedia cotidiana de trabajar en un mundo fundado en el egoísmo y la competencia voraz.

En su estilo limpio y sencillo, y con la transparencia de una voz forjada en la misma materia de la vida que busca describir, la mayor virtud de la poesía de Luis Rogério, a mi modo de ver, es un canto que alimenta la memoria y los sueños que se nos extraviaron en el camino de una ciencia sin conciencia, de una academia incapaz de develar la "caja negra donde duermen los secretos revelados por el dolor, la ansiedad, el miedo, la soledad, el cansancio y la sensación de ir perdiendo la vida"; dramas que palpamos a cada paso quienes tenemos por oficio el conocimiento del trabajo como condición de la salud.

La segunda gran constatación que brota de los versos de este joven creador y trabajador es la esperanza de superar el abismo entre quienes sufren por el trabajo y quienes estudian ese mismo sufrimiento. Su canto es un llamado a tender puentes entre la academia y el pueblo trabajador; no otro es el significado de la esperanza de encontrar "trabajadores que esperan a los especialistas, que esperan a los trabajadores en la línea de largada".

El trabajo es una actividad ordinaria y las cosas ordinarias asustan cuando se convierten en algo desquiciante, esa sería la clave del arte para el pintor Damien Hirst, y ese mismo es el campo de exploración indignada que abre Luis Rogério en su "hematopoesía".

Estas breves palabras no han pretendido más que tender un abrazo fraterno al amigo y una cálida felicitación al poeta que busca descifrar las claves actuales de la lucha por un trabajo humanizado. Los individuos sentimos, pensamos y actuamos por nuestros propios códigos, pero nos comprometemos y proyectamos hacia el mundo, hacia lo colectivo, que nos impregna con sus determinaciones y que necesita de nuestra militancia por la vida y la recreación permanente de los sueños. Una parte de esos sueños están esbozados en los poemas de nuestro hermano brasileño.

Quito, 28 de Octubre del 2002

TRADUÇÃO DO PREFÁCIO

A POESIA HUMANA, INDIGNADA E SUGESTIVA DE LUIS ROGÉRIO

Jaime Breilh *

A poesia sempre me fascinou por essa virtude tão especial de sintetizar o lado intenso e significativo da vida, devolvendo-o a nós compendiado em mil breves vozes: algumas vezes como um canto pela vida - ao que nos agrada, nos preenche e nos gratifica - outras, como um grito de dor ante o que nos fere e nos envergonha.

O ser humano sempre viveu a estremeceadora contradição entre a vida e a morte. Eros e Tanatos foram se recriando a cada momento de nossa grandiosa e triste história, de tantas e tão variadas formas que alimentaram uma plêiade de poetas e declamadores, que nos deram voz quando a tínhamos perdido, encontrando o sentido justo de nossas vozes quando necessitávamos.

Agora, mais que nunca, o mundo ferido em que vivemos necessita com urgência daqueles que dele se compadeçam e o reinventem, como diria Saramago - o escritor que melhor tem perfilado os desatinos deste planeta de egoísmo global - aludindo a este mundo que temos forjado, onde "o instinto dos animais defende melhor a vida do que a nossa razão, que, pelo contrário, tem servido para dominar, humilhar e explorar os outros".

Não é casual que o ilustre Nobel, igual a Luis Rogério, tenha desempenhado funções no sistema de saúde e bem-estar social de seu país. Não é uma simples coincidência que as duas vozes tenham bebido da mesma fonte de inspiração: a dor e as lacerações de vidas agredidas que desfilam por sistemas de saúde debilitados agora pela cobiça; seres que reclamam o direito proclamado por tantas leis inúteis; códigos que repousam nas estantes do esquecimento, onde foram colocados, "ex profeso", pelo jogo de interesses e pela voracidade dos que comercializam a vida.

Por isso nos faz tanta falta a poesia, instrumento maior da cordura, da sabedoria e do amor solidário, qualidades humanas momentaneamente derrotadas à espera de pessoas e povos que as reivindiquem. Qualidades que nos pretendem arrebatam os usurários, os piratas e mercenários organizadores deste ensaio perverso de sociedade em que agora vivemos, obrigando-nos a perder cada dia um pouco mais de humanidade e ameaçando-

nos despojar, não somente do pão e da seguridade social, mas de nossos sonhos e memória.

Um projeto profundamente antipoético, frente ao qual se mede a urgência de demonstrarmos a nós mesmos que seguimos sendo humanos; sendo uma espécie criadora e não uma horda predatória; compadecendo-nos dos outros e não querendo construir nossa sobrevivência pisando nos demais, mas seguindo com sede de amor, beleza e dignidade.

Luis Rogério define sua poesia como voz que representa “o sangue diariamente derramado”; como “expressão de uma angústia coletiva, sublimada, reprimida nas fábricas e empresas” onde o trabalho se tem transmutado, por obra e graça de uma lógica inumana, em uma fonte de dor, enfermidade e envelhecimento prematuro. Porém, eu penso que sua poesia é mais que expressão dolorida, pois transmite não somente indignação e dor, mas nos mostra o absurdo de haver convertido o trabalho, o mais humano e criador dos atos, em uma pedra de demolição da vida. Seus poemas nos recordam a cegueira de um sistema de saúde que “mira sem ver”, usa “pincéis sem tinta”, “apaga as pegadas da morte”, em lugar de clarear o caminho para a reafirmação da vida, “anestesia que não permite a expressão da dor”; definitivamente, a tragédia cotidiana de trabalhar em um mundo fundado no egoísmo e na disputa voraz.

Em seu estilo limpo e sincero e com a transparência de uma voz forjada na mesma matéria da vida que busca descrever, a maior virtude da poesia de Luis Rogério, a meu modo de ver, é ser um canto que alimenta a memória e os sonhos que se extraviaram no caminho de uma ciência sem consciência, de uma academia incapaz de desvendar “a caixa preta onde dormem os segredos revelados pela dor, ansiedade, medo, solidão, cansaço e a sensação de ir perdendo a vida”; dramas que palpamos a cada passo que damos, tendo por dever o conhecimento do trabalho como condição de saúde.

A segunda principal constatação que brota dos versos deste jovem criador e trabalhador é a esperança de superar o abismo entre os que sofrem pelo trabalho e os que estudam esse mesmo sofrimento. Seu canto é um chamado a estender pontes entre a academia e o povo trabalhador; outro não é o significado da esperança de encontrar “trabalhadores que esperam os especialistas que esperam os trabalhadores na linha de largada”.

O trabalho é uma atividade ordinária e as coisas ordinárias assustam quando se convertem em algo desordenante. Essa seria a explicação da arte para o pintor Damien Hirst, e esse mesmo é o campo de exploração indignada que abre Luis Rogério em sua “hematopoesia”.

Estas breves palavras não têm pretendido mais que estender um abraço fraterno ao amigo e uma cálida felicitação ao poeta que busca decifrar as chaves atuais da luta por um trabalho mais humanizado. Nós, indivíduos, sentimos, pensamos e atuamos por nossos próprios códigos, porém nos comprometemos e nos projetamos para o mundo, para o coletivo, que nos impregna com suas determinações e que necessita de nossa militância pela vida e pela recriação permanente dos sonhos. Uma parte destes sonhos está esboçada nos poemas de nosso irmão brasileiro.

Quito, 28 de outubro de 2002.

() Jaime Breilh é Médico, pesquisador e doutor em Saúde Pública. Fundador e investigador principal do Centro de Estudios y Asesoría en Salud (CEAS) do Equador. Professor das universidades: Central, Católica e Andina de Quito. Professor Honoris Causa da Faculdade de Medicina da Universidade de San Marcos de Lima (Peru). Professor visitante das universidades de Michigan e de Harvard nos Estados Unidos, e de universidades de outros países como: Espanha, Portugal, Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, México, República Dominicana e Venezuela.*



“Sem Trabalho, toda vida apodrece,
mas sob um trabalho sem alma
a vida sufoca e morre”

Albert Camus

Em seu estilo limpo e sincero e com a transparência de uma voz forjada na mesma matéria da vida que busca descrever, a maior virtude da poesia de Luis Rogério, a meu modo de ver, é ser um canto que alimenta a memória e os sonhos que se extraviaram no caminho de uma ciência sem consciência, de uma academia incapaz de desvendar “a caixa preta onde dormem os segredos revelados pela dor, ansiedade, medo, solidão, cansaço e a sensação de ir perdendo a vida”; dramas que palpamos a cada passo que damos, tendo por dever o conhecimento do trabalho como condição de saúde.

Jaime Breilh.

SESAB
SUS



CESAT
CENTRO DE ESTUDOS DA
SAÚDE DO TRABALHADOR


**GOVERNO
DA BAHIA**